

José Maurício de CARVALHO (2014) Joaquim de Carvalho e as contribuições lusitanas para o desenvolvimento da ciência moderna, *Delfim Santos Studies* 2, Arquivo Delfim Santos, Lisboa, 109-119.

Joaquim de Carvalho e as contribuições lusitanas para o desenvolvimento da ciência moderna

José Maurício de Carvalho

I. Considerações iniciais

A extensa obra historiográfica de Joaquim de Carvalho foi publicada em oito volumes pela Fundação Calouste Gulbenkian. A edição das *Obras completas* permitiu o estudo sistemático do legado deixado pelo professor figueirense que estudou, entre outros assuntos menos extensos, a tradição filosófica, as instituições de cultura em Portugal, a ciência moderna e as ideias políticas. O trabalho historiográfico de Joaquim de Carvalho não prescindiu da elaboração de um método de investigação. Sua base é a fenomenologia [cf. CARVALHO 2001]. O método de investigação parte das indicações de Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Edmund Husserl (1883-1938), responsáveis no essencial pelas teses que Joaquim de Carvalho admitiu. O trabalho de pesquisa de Joaquim de Carvalho formula hipóteses renovadoras para a compreensão da história e cultura lusitanas.

Uma síntese das principais questões desenvolvidas por Joaquim de Carvalho foi desenvolvida nos dezessete capítulos da *História da filosofia e tradições culturais, um diálogo com Joaquim de Carvalho* [CARVALHO 2001]. No presente artigo examinaremos o olhar do historiador para as contribuições lusitanas no desenvolvimento da ciência moderna, assunto que completa o capítulo VI e a repercussão da ciência na filosofia moderna investigada nos capítulos VII, VIII e IX

do livro acima mencionado. O assunto agora se insere na tese geral do historiador português cujo propósito é investigar as contribuições das instituições e gente lusitana para a cultura ocidental, aí incluída a construção do Brasil (os estudos de Joaquim de Carvalho sobre o Brasil e o diálogo com o pensamento português foram examinados no nosso artigo [CARVALHO 2000]).

Os estudos deixados por Joaquim de Carvalho ajudam, entre outros temas, a situar Portugal na vanguarda da cultura no século XVI, contrastando com a decadência experimentada pelo país nos séculos seguintes. O que dá destaque a Portugal naquele século são as viagens marítimas, elas representam não apenas o oferecimento de novos produtos para a Europa, mas ajudam na renovação do saber sobre a natureza e inspiram o *De Crepusculis* (1542), de Pedro Nunes, «um dos textos fundamentais da história científica moderna», como recorda José V. de Pina Martins no prefácio do segundo volume das *Obras Completas* de Joaquim de Carvalho [MARTINS 1982, 21].

Trata-se de assunto pouco destacado nas histórias da filosofia e da ciência em circulação nos meios acadêmicos. Elas separam a parte prática da vida cultural da sistematização intelectual. Michele Sciaccia, por exemplo, resume o trabalho de Galileu Galilei sem aproximá-lo da circunstância cultural representada pelas grandes navegações, resumindo sua contribuição como se segue:

- a) observação imediata do fenômeno na sua complexidade;
- b) resolução desta complexidade nos elementos simples traduzíveis em relações quantitativas ou grandezas numéricas (análise);
- c) relação entre os elementos obtidos e formulação da hipótese explicativa (indução);
- d) verificação da hipótese com o cálculo e o experimento (dedução).

É o que também fazem Dagobert D. Runes em *Histoire illustrée de la philosophie* (1962), Will Durant na *História da filosofia* (2000), notadamente no capítulo que dedica ao surgimento da ciência e ao papel de Francis Bacon. Atitude semelhante têm os vários autores da *História do pensamento* liderada por José Maria Valverde da Universidade de Barcelona e publicado pela *Abril Cultural* (1987) no capítulo dedicado ao nascimento da ciência moderna. Os exemplos mencionados são suficientes para indicar que os historiadores da filosofia e da ciência não associam os empreendimentos marítimos lusitanos ao surgimento da ciência moderna.

Observe-se que, se é fundamental na história da cultura distinguir o plano das ideias, que se desenvolve de forma autônoma dos demais, ele está, como lembra Antônio Paim na *História das ideias filosóficas no Brasil* «implicado no conjunto da atividade cultural e dela recebe múltiplas inspirações» [PAIM 1997, 725]. Esta referência culturalista

parece orientar Joaquim de Carvalho nos estudos que faz de história das ideias, não sendo adequado acreditar que suponha qualquer tipo de determinação da atividade econômica no pensamento. No entanto, enxerga nos empreendimentos marítimos a formação de uma mentalidade que ajudou na nova compreensão de natureza consolidada pela ciência moderna.

Os ensaios e artigos onde Joaquim de Carvalho destaca a importância da empresa marítima ibérica, notadamente a lusitana, para a formação da mentalidade que deu origem à ciência moderna foram: «A atividade científica da Universidade de Coimbra na Renascença»; «Os descobrimentos e a ação colonizadora dos portugueses como fatores do progresso científico e da civilização»; «A influência dos descobrimentos e da civilização na morfologia da ciência portuguesa no século XVI»; «O pensamento português na Idade Média e no Renascimento»; «O livro 'Contra os juízos dos astrólogos' de Frei António de Beja e as suas fontes italianas» e «Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea». Todos escritos entre 1922 e 1948 e reunidos no volume III das *Obras completas*, publicado em 1982.

II. Metodologia e história da ciência

No artigo «A atividade científica da Universidade de Coimbra na Renascença», Joaquim de Carvalho faz um balanço da contribuição da universidade portuguesa no surgimento da ciência moderna. A importância da ciência parece-lhe grande e ele assim a justifica:

Nenhum outro ramo do conhecimento se lhe avanta em benefícios móveis, pois logra inundar de sentido a noção de progresso, patenteando as influências das evoluções e revoluções dos conhecimentos exatos nas nossas mundividências e necessidades de adaptação de senhorio da natureza, isto é, nos juízos do homem sobre si próprio e sobre o mundo [CARVALHO 1982, 330].

O assunto é importante também para a filosofia moderna, pois como recorda Karl Jaspers na *Iniciação filosófica* (1987): «a moderna filosofia europeia surgiu concomitantemente com a moderna ciência da natureza e a nova emancipação do homem perante a autoridade» [JASPERS 1987, 123].

Estudos de história das ciências concentram-se, avalia Joaquim de Carvalho no artigo acima mencionado, nos esforços para o progresso da ciência, na constituição

dos resultados obtidos e no estudo dos objetivos da atividade científica. E o exame das obras e autores da ciência nos mostra que «*a marcha científica do espírito humano não tem sido, nem será retilínea*» [CARVALHO 1982, 331]. Assim é porque momentos e autores que deixam suas contribuições importantes também legam erros e projetos inúteis.

O artigo mencionado tem importância nos estudos sobre sua produção intelectual porque o professor figueirense reconhece que nos assuntos relativos à história da ciência muito deve às lições de Gomes Teixeira. E quanto à gênese da ciência, do mesmo modo que em Ortega y Gasset cuja obra sobre Galileu comentaremos adiante, Joaquim de Carvalho separa o dado colhido da síntese intelectual que a reflexão sobre os fatos proporciona. Afirma:

[...] encontramos-nos perante duas grandes vias da atividade científica; a que se orienta para a descoberta do novo, e a que se dirige para o exame do já sabido, com o fim de contrastar as opiniões estabelecidas ou de simplificar as explicações ou demonstrações apresentadas [CARVALHO 1982, 335].

Voltar-se para a gênese da ciência no século XVI significa entrar no espírito daquele tempo «*que teve que renascer para a vida do espírito que, de certo modo, se havia interrompido*» [CARVALHO 1982, 335]. E este mergulhar nos acontecimentos históricos pretende compreender a participação lusitana na criação da ciência. Trata-se de uma atitude fenomenológica que Hans Georg Gadamer assim resumiu:

O que interessa ao conhecimento histórico é saber, não como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem em geral, mas, totalmente ao contrário, como este homem, este povo, ou este Estado se tornou o que é, como tudo aquilo pôde acontecer e resultar nisto” [GADAMER 1998, 26].

O material produzido na universidade lusitana na ocasião, conclui Carvalho em «A atividade científica da Universidade de Coimbra na Renascença», se não deixava para traz a autoridade de Aristóteles, como será típico entre os defensores da nova ciência, também não significou «*um vasto cemitério de obscuridades e inúteis canseiras*» [CARVALHO 1982, 337]. Muito do que foi criado de importante na ocasião beneficiou-se dos conhecimentos práticos e técnicos que vieram do empreendimento marítimo e que passou a integrar o modo de vida dos portugueses.

III. O combate à astrologia e a visão moderna de natureza

No artigo denominado «O livro 'Contra os juízos dos astrólogos' de Frei António de Beja e as suas fontes italianas», Joaquim de Carvalho avalia que um texto de fundo teológico colaborou para a formação da nova ideia de natureza própria do século XVI porque seu autor tinha conhecimentos da arte de navegar. É que ao combater os astrólogos e seus prognósticos, comenta o professor, o religioso explicava que as previsões catastróficas dos astrólogos eram falsas e os fenômenos inofensivos. Assim se posicionou o Frei tratando os eclipses como fatos naturais e rejeitando as previsões de um novo Dilúvio. E não eram poucos os problemas causados pelas previsões astrológicas naquele momento, em especial o pavor de um novo Dilúvio, como descreve Carvalho:

Os pregadores, invocando as Escrituras, esforçavam-se por demonstrar a impossibilidade de um novo Dilúvio, os príncipes promoviam e custeavam refutações e críticas, mas não obstante a insistência das prédicas e abundância das censuras não faltavam indivíduos que nos princípios de 1524, cautamente, transidos de medo, fugiram para os montes, refugiaram as famílias em barcos, acumulavam provisões ou desperdiçavam a fazenda perdulariamente, pela inutilidade das economias e privações [CARVALHO 1982, 386].

O combate às predições dos astrólogos por Frei António de Beja, mesmo que baseada em argumentos teológicos e não nos conhecimentos da nova ciência, contribuiu para reduzir os medos, construir uma nova visão da vida humana e estabelecer para a natureza um olhar tranquilo. É indiretamente, mas com efetividade, que o livro entra para a história da ciência, pois, lembra Joaquim de Carvalho: «no progresso do espírito humano a eliminação de erros tem pelo menos a vantagem favorável ao estabelecimento da verdade» [CARVALHO 1982, 387]. E a tarefa a que se dedicou o frade foi enfrentada em outros países por homens ligados à nova ciência ou humanistas como Pico della Mirandola, na Itália. O italiano, como está e se lê em *O Homem e a filosofia*: «conseguiu combinar a ideia de racionalidade com a de criatura do absoluto. Ele lapidou pacientemente a ideia preciosa de liberdade desenvolvendo a noção de pessoa humana» [MIRANDOLLA 2007, 115]. Mirandola, mesmo sem ser um cientista, contribuiu como António de Beja para a nova mentalidade.

O sucesso do livro do frade português está em que ele, além de teólogo, sabia manejar a esfera armilar e o astrolábio plano e assim contestar as previsões dos astrólogos baseadas na observação da natureza e cálculos matemáticos. E foi com tais

conhecimentos que recusou as previsões do Dilúvio de 1524, tranquilizando a população. Concluindo o livro *«mostrou as razões porque não se deve dar fé à astrologia, de modo geral»* [CARVALHO 1982, 398]. O livro de Beja favoreceu a nova visão de natureza que vinha surgindo com a ciência e seu crédito deveu-se muito aos conhecimentos que tinha dos instrumentos de navegação.

IV. Galileu e a ciência moderna

A figura de Galileu Galilei é representativa do momento cultural que dá origem ao mundo moderno, já disse José Ortega y Gasset no livro *En torno a Galileu*. A modernidade representa profunda mudança no modo de vida ocidental, podendo, diz o filósofo espanhol, seu início ser entendido como ocasião de crise. Um novo tempo, neste sentido, representa sempre o abandono de uma forma de viver e sua superação a passagem traumática para um novo tempo. E o que Galileu tem a ver com este processo? Ortega y Gasset considera que muito, quando se pensa a passagem da Idade Média para a modernidade, como ele afirmou no mencionado livro:

Em Galileu termina a maior crise porque passou o destino europeu – uma crise que começa nos fins do século XIV e não termina até o alvorecer do século XVII. Ao cabo dela, como divisor de águas e cume entre duas idades, levanta-se a figura de Galileu. Com ela o homem moderno entra no mundo moderno [ORTEGA Y GASSET 1994, 14].

Como forma típica de pensar moderna, a ciência concebida naquele momento estabelece novo diálogo com os fatos. Ela parte deles, mas os deixa em suspenso por instantes enquanto cuida de sua organização. Foi o que fez Galileu, explica Ortega y Gasset: *«em vez de perder-se na selva dos fatos, entrando neles como passivo espectador, começa por imaginar a gênese do movimento nos corpos lançados»* [ORTEGA Y GASSET 1994, 16]. Daí chega a compreensão de ciência que *«é tanto obra de imaginação quanto de observação, que esta última não é possível sem aquela, em suma, que ciência é construção»* [ORTEGA Y GASSET 1994, 17]. Sabe-se que Ortega y Gasset refere-se à imaginação exata e não à imaginação poética, mas distingue a elaboração intelectual da pura observação fenomênica, o que é fundamental para a formação das teorias científicas.

Ortega y Gasset destaca ainda outro aspeto importante no primeiro capítulo da obra sobre Galileu que citamos acima. Ele esclarece que estudos históricos ocupam-se do passado humano, mas não como simples registro de fatos vividos. Assim, se a obra intelectual tem dinâmica própria no espaço cultural *«um fato histórico não é, pois,*

nunca um puro ocorrer e acontecer – é função de toda uma vida humana individual ou coletiva, pertence a um organismo de fatos onde cada qual tem seu papel dinâmico e ativo» [ORTEGA Y GASSET 1994, 18]. Esta indicação orteguiana parece fundamental para o que se procura indicar aqui, a pertinência das observações de Joaquim de Carvalho sobre o momento histórico das grandes navegações e seu impacto na nova visão de natureza.

O que inspira Joaquim de Carvalho nos trabalhos sobre a gênese da ciência é seguir o espírito do historiador orteguiano que *«não pode sequer ler uma só frase de um documento sem ligá-lo, para entender, à vida integral do autor do documento. A história em seu labor primário, no mais elementar, já é hermenêutica»* [ORTEGA Y GASSET 1994, 18-19]. Toda obra intelectual de Galileu nasce, explica Carvalho no ensaio *«Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea»*, depois de examinar a *«Física e a cosmologia aristotélicas antes de as sepultar no jazigo da história da ciência»* [CARVALHO 1982, 406]. Para a revisão que procedeu muito lhe valeram as lições de lógica do português Rodrigo da Fonseca na Universidade de Pisa. Além dele, Galileu conheceu outro lusitano, Manuel Bocarro, doutor em Montpellier e Alcalá aprovando a publicação de sua obra sobre o movimento dos astros que não fora aceita na Espanha. Galileu também menciona o fenómeno das marés em Lisboa como prova do erro das antigas teorias e observações limitadas ao espaço do Mar Mediterrâneo. No entanto, seu vínculo com o espírito do tempo e cultura portuguesa vai além dos fatos citados e já bem registrados.

O vínculo principal entre a elaboração intelectual de Galileu e o momento histórico que viveu se exprime na nova forma de olhar a natureza, para a qual contribuiu decisivamente os empreendimentos marítimos, como esclarece Joaquim de Carvalho no texto que se segue:

Pela índole, pela metódica, pelos resultados da *Nuova scienza*, Galileu é, assim, expressão altíssima da modernidade científica, na medida em que esta radica na farta messe de fatos revelados pelos descobrimentos e nas exigências vitais do domínio da natureza, do qual não devem separar-se os movimentos de expressão colonizadora [CARVALHO 1982, 409].

As grandes viagens marítimas pediam uma maneira simples e prática de determinar as longitudes e o problema permaneceria em aberto até o século XVII. Os geógrafos lusitanos estavam às voltas com ele, como se apreende das considerações de Pedro Nunes em *De erratis Orontii Finaei*. O cálculo que era impreciso com as referências celestes colhidas a olho nu ganhou perspectiva favorável de solução quando Galileu construiu o telescópio. O instrumento permitiu o surgimento de novos métodos para o cálculo expressos em livros de

época como a *Collecta astronomica ex doctrina P. Christophori Borri* (1631) e *A arte de navegar* (1628). O último trata do aperfeiçoamento do uso do relógio na determinação da longitude. Os textos de Borri por sua vez revelam que buscava solução para problemas que Galileu também enfrentava e foi justamente Borri quem divulgou em Portugal os resultados do *Sidereus nuncius* de Galileu. Segundo as pesquisas de Carvalho: «Devem-se estes informes a Cristóvão Borri, a quem também, segundo cremos, a prioridade da divulgação entre nós das sensacionais revelações astronômicas de Galileu» [CARVALHO 1982, 412].

Galileu enfrentou as questões levantadas pelas grandes navegações do mesmo modo que discutia a existência de manchas solares mencionadas pelo jesuíta alemão Cristóvão Schener e levava adiante as famosas observações de Tycho Brahe sobre o movimento dos cometas e do planeta Marte. Todos estes aspetos fazem parte das compreensões e desafios do seu tempo. Apesar do que ligava Galileu aos problemas suscitados pelas navegações, suas teses permaneceram sem divulgação razoável em Portugal provavelmente por conta, conclui Carvalho «das considerações teológicas e o comodismo do espírito eclético» [CARVALHO 1982, 416]. O fundamental é que os problemas postos em circulação pelas navegações ganharam perspectiva de solução com os estudos de Galileu.

V. Os descobrimentos e a renovação da ciência

No artigo «Influência dos descobrimentos e da colonização na morfologia da ciência portuguesa no século XVI», Joaquim de Carvalho espera aprofundar a hipótese apresentada no artigo comentado no item anterior. Ele não pretende atribuir ao empreendimento marítimo papel preponderante na nova mentalidade, mas indicar que não se pode desconsiderá-lo. Parece-lhe importante inseri-lo no contexto da cultura ocidental como se constata no texto abaixo:

Tão extraordinária mutação de valores intelectuais e abrupta aquisição de fatos inéditos não constitui patrimônio exclusivo da gente lusitana; toda a Europa culta, de Leonardo da Vinci a Galileu, assistiu maravilhada, à surpreendente revelação de conhecimentos, de descobrimentos e de invenções que transformaram o saber e cuja simultaneidade suscita um dos mais sutis e complexos problemas da história e da sociologia da ciência [CARVALHO 1982, 355].

A atividade científica que surge no momento não se limita a pura observação da natureza, conforme lembrou Ortega y Gasset no texto sobre Galileu, mas tem papel de

destaque na nova ciência. E ela significou a superação de credíes e formas de pensar da Idade Média. Para tanto contribuiu o livro de António de Beja já mencionado.

Para a nova visão de natureza contribuiu também as *Súmulas* de Pedro Hispano que, no espírito do nominalismo parisiense representaram «*a reação do bom senso empírico contra os desmandos metafísicos do realismo escolástico*» [CARVALHO 1982, 360] e o trabalho docente de Álvaro Tomás que formou Francisco de Vitória responsável pela renovação do ensino da Física na Universidade de Salamanca. Destaque-se, ainda, o *Líber de triplici motu* de Juan Celaya e o ministério de seu aluno João Ribeiro que, embora tendo por referência a física aristotélica «*preparavam a modernidade conferindo importância no exame singular dos fatos, requisito prévio da atividade científica criadora*» [CARVALHO 1982, 364]. E o que abre a física aristotélica à nova mentalidade, pergunta Joaquim de Carvalho? A resposta, diz, «*conduz-nos ao objetivo capital de nossas reflexões, ou seja, a influência dos descobrimentos e da colonização na estrutura e na morfologia do saber*» [CARVALHO 1982, 365].

O fato não é desconhecido das gerações do século XVI: Pedro Nunes já destacara o papel dos descobrimentos na renovação da ciência no seu *Tratado da Esfera*. Outros livros também ligavam os descobrimentos às formas de saber e pensar daquele século. Exemplo do ímpeto dos descobrimentos na mentalidade da época é o trabalho de Garcia da Orta, professor de moral em Lisboa e comentador de Aristóteles, mas que em muitos assuntos afirma Carvalho «*se norteia e se deixa guiar pelo lume do senso-comum na marcha sempre incerta e arriscada da Ars inveniendi*» [CARVALHO 1982, 367].

As navegações e descobrimentos exigiam a mudança da cosmografia e representação do mundo conforme observou João de Barros na *Rópica Pnema*, cujo texto em nota no artigo de Carvalho reproduz-se parcialmente abaixo:

[...] acerca da cosmografia com a grandeza dos mundos, que os esclarecidos reis de Portugal descobriram, se agora cá viessem Ptolomeu, Strabo, Pomponio, ou Solino com suas três folhas, a todos meteriam em confusão e vergonha, mostrando-lhes que as partes do mundo que não alcançaram, são maiores que as três em que eles o dividiam [CARVALHO 1982, 369].

Como se vê há consciência nos textos mencionados que as viagens marítimas renovavam o conhecimento e a compreensão que se tinha do mundo.

Os grandes movimentos políticos ordinariamente provocam mudança no conhecimento do mundo, como ocorreu na geografia antiga depois das conquistas de Alexandre da Macedônia. No artigo «Os descobrimentos portugueses como fatores

de progresso científico e da civilização», Joaquim de Carvalho também recorda as anotações de Humboldt, que reconhece que as grandes viagens marítimas «*duplicaram para os habitantes da Europa a obra da criação*» [CARVALHO 1982, 342]. E o novo mundo que se abre aos olhos dos descobridores revela novos mares, novos territórios, espanta as lendas de monstros marinhos, ilhas fantásticas e outros perigos imagináveis que obscureciam a inteligência humana. Os produtos que trazem os navegadores para a Europa alteram hábitos alimentares e a noção de áreas desabitadas. E o significado dos empreendimentos marítimos se expressa no *Novum Organum* de Francis Bacon de onde o professor figueirense retira o seguinte texto:

[...] cumpre ter presente a profecia de Daniel relativa aos derradeiros tempos do Mundo [...] cujo sentido manifesto é que [...] a descoberta de regiões desconhecidas, levada a cabo por tantas navegações de longo curso, ou ainda atualmente em prossecução, e os grandes progressos nas ciências terão lugar na mesma época [CARVALHO 1982, 344].

O próprio Francis Bacon ainda completa seu pensamento dizendo que as navegações e empreendimentos marítimos que tanto mudaram a compreensão do mundo podem retificar e ampliar as ciências. O resultado de tantas conquistas da gente lusitana contribuiu para aumentar a confiança do homem nas suas ações e esforços e dão ao humanismo renascentista a confiança no progresso e na história. A conclusão de Carvalho pode ser avaliada no texto que se segue:

A nova ciência, de que somos os herdeiros, cuja expressão mais alta entre nós, no século XVI, foi, sob o ponto de vista da ciência pura, o *De crepusculis* (1542) de Pedro Nunes, não imagina forças ocultas e não discute, como os aristotélicos, qualidades, mas associa o cálculo à experiência [CARVALHO 1982, 350].

O resultado da nova mentalidade é o surgimento do investigador como figura de destaque na Universidade e...

A atividade científica, desde então, atribui predomínio à categoria da quantidade sobre a qualidade, a de relação sobre a do ser, e em vez de procurar, como no ideal científico aristotélico-escolástico, a ordem hierárquica dos conceitos e das coisas, investiga as relações suscetíveis de expressão quantitativa, sob a noção de lei natural [CARVALHO 1982, 351].

VI. Considerações finais

Os estudos de Joaquim de Carvalho destacam o papel dos conhecimentos e dúvidas suscitados pelas grandes navegações, tomando-os como formadores da mentalidade que propiciou o desenvolvimento da nova ciência, que é um dos fatos fundamentais da modernidade. Ao fazê-lo, Joaquim de Carvalho chama atenção para as contribuições dos lusitanos para o assunto, aspeto pouco considerado nas obras clássicas dedicadas à história a ciência e da filosofia.

Em suas análises históricas utiliza as referências do método fenomenológico e do que ele trouxe como nova hermenêutica e forma de superação de um ponto de vista absoluto, ou de uma consciência absoluta, como a proposta por Georg Friedrich Hegel.

Finalmente, destaque-se a proximidade com Ortega y Gasset no papel atribuído a Galileu como representante da forma moderna de pensar.

Referências

CARVALHO, Joaquim de (1982) *Obras completas* III Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CARVALHO, José Maurício de (2000-2001) Pensando a história da filosofia, um encontro com Joaquim de Carvalho, *Cultura* 2 (12), 263-277.

CARVALHO, José Maurício de (2001) *História da filosofia e tradições culturais, um diálogo com Joaquim de Carvalho*. Porto Alegre: Edipucrs.

CARVALHO, José Maurício (2007) *O Homem e a filosofia*. 2.^a ed., Porto Alegre: Edipucrs.

GADAMER, Hans-George (1998) *O problema da consciência histórica*. Vila Nova de Gaia: Claret.

JASPERS, Karl (1987) *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores.

MARTINS, José V. de Pina (1982) Joaquim de Carvalho (1892-1958), Pensador e historiador da filosofia, Joaquim de CARVALHO (1982) *Obra completa* II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 7-20.

ORTEGA Y GASSET, José (1994) *Obras completas* V, Madrid: Alianza.

PAIM, Antônio (1997) *História das ideias filosóficas no Brasil*. 5.^a ed., Londrina: Eduel.

SCIACCA, Michele Federico (1968) *História da filosofia* III, São Paulo: Mestre Jou.